

**Bonetti, Aline & Fleischer, Soraya (org). *Entre Saias Justas e Jogos de Cintura*. Santa Cruz do Sul: Editora EDUNISC, 2007**

*Liza Bilhalva Martins da Silva*<sup>1</sup>

O livro *Entre Saias Justas e Jogos de Cintura* caracterizado por um estilo ensaístico antropológico de uma instigante criatividade, inicia com uma situação ficcional que mimetiza a experiência de uma jovem antropóloga em campo em interlocução com as autoras Alinne Bonetti e Soraya Fleischer. Nas linhas que seguem as autoras trazem o relato de doze jovens antropólogas desnudando seus fazeres etnográficos a fim de compartilhar momentos de obstáculos, saias justas e jogos de cintura vividos em trabalho campo.

A seleção dos trabalhos – realizada através de uma chamada aberta via *internet* – de somente neófitas para contar suas experiências etnográficas teve como objetivo conhecer como essa geração tem pensado, praticado e reinventado o bom e velho trabalho de campo.

As saias justas vividas das mais diferentes formas nos mais diversos contextos, colocaram essas mulheres frente a desafios teóricos e, sublinhe-se, metodológicos, fazendo com que lançassem mão de jogos de cintura a fim de driblarem as situações e darem continuidade a suas pesquisas.

Aline Bonetti e Soraya Fleischer ao longo do livro nos mostram que trazer à tona essas experiências deixando de lado o silêncio até então mantido e guardado nos diários de campo, nas fitas, nas imagens, enfim, nos materiais pilhados em prateleiras empoeiradas, constitui uma forma de compartilhar esses momentos e analisar essas experiências subjetivas, metodológicas e conceituais.

---

<sup>1</sup> Bacharelada em Direito pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL), Brasil.

---

A importância em desvelar essas experiências situa-se na reflexão sobre o tipo de formação acadêmica que estamos recebendo na medida em que ciência e antropologia foram, num tempo não muito distante, eminentemente “masculina”. Pensar como esse conhecimento é experienciado e re-significado pelas mulheres, seus corpos e suas almas nos entaves cotidianos da pesquisa empírica, se faz imprescindível.

O “mito do antropólogo assexuado” já trazido pela antropóloga Miriam Pillar Grossi em *Trabalho de campo e subjetividade* (1992) traduz esta certa invisibilidade das questões de gênero presentes no trabalho etnográfico, efeito que reflete na produção do conhecimento antropológico na medida em que exclui a especificidade das experiências de antropólogas. Este livro por sua vez, vem pôr em xeque esse mito, problematizando em que medida ser mulher ajuda ou atrapalha a investigação quando se pesquisa homens?

Enfatizam as autoras na parte introdutória do livro que estas experiências também são vividas em campo por homens antropólogos, entretanto, estes vivenciam diferentes obstáculos e “calças justas”.

As experiências etnográficas selecionadas para compor o livro proveem das mais diversas temáticas de pesquisa, tais como religiosidade, sexualidade, movimentos sociais, relações familiares, processos educativos, processos políticos, entre outros. Trago neste texto somente algumas experiências, dentre as doze apresentados no livro, como forma de apresentar ao leitor uma amostra da diversidade de “saías justas” e “jogos de cintura vivenciados pelas pesquisadoras.

Carmen Susana Tornquist em sua tese de doutorado *Parto e Poder: análise do movimento pela humanização do parto no Brasil* realizou a etnografia junto ao próprio grupo local no qual era ativista/militante. Carmen relata que quando, por força do trabalho de campo, teve de introduzir um relativismo no olhar sobre seu

objeto de estudo e perceber a alteridade naquilo que lhe era familiar – tendo em vista sua posição de ativista militante em prol do movimento pela humanização do parto – um sentimento de traição lhe tomava conta na medida em que a etnografia colocava em perspectiva certas ideias centrais do ideário da humanização. Que caminho seguir? Ativista cedendo para a antropóloga ou vice-versa?

Não diferente também é o caso de Fernanda Noronha, a qual apesar de possuir certa familiaridade com os *hip ópera* – objeto de sua pesquisa – pelo fato de morar na periferia e possuir a mesma origem social, deparou-se com problemas e questões à respeito de seu papel de mulher e universitária, bem como o modo de se inserir em campo. No percurso da etnografia percebeu que os shows de rap eram vistos pelos nativos como “espaços masculinos” e as garotas apresentavam-se em número reduzido e acompanhadas ou “protegidas” no interior de turma. Como se aproximar de algo aparentemente familiar mas na verdade fortemente marcado por códigos e regras onde fatores como gênero, faixa etária e estilo de se vestir serviam como barreiras simbolicamente bem definidas?

Com Monica Dias, apesar de já sentir-se inserida no terreiro umbandista que pesquisava há algum tempo, o susto e o medo também lhe atormentaram quando o preto-velho negou-se a falar com a mesma, sugerindo-lhe a ida a museus para encontrar as respostas que almejava. Ao mesmo tempo aconselhou-a a “firmar-se em algum lugar” se desejava realizar um bom trabalho de campo. Como relatou a autora *“de dominante passei a ser dominada”* (pág. 79).

Com Andrea de Souza Lobo, pesquisadora brasileira que vai realizar trabalho de campo em Cabo Verde as saias justas se apresentam na medida em que, primeiramente, Cabo Verde é um lugar em que a lógica é a emigração de mulheres e, segundo, que a pesquisadora se apaixona, contrai matrimônio e tem um filho com

um nativo que havia conhecido e se envolvido afetivamente à certa altura da pesquisa.

Os dilemas em campo se evidenciam a partir do momento em que a pesquisadora se afasta de Cabo Verde e retorna após algum tempo com um novo projeto de pesquisa, no qual procurava compreender a organização familiar daquele lugar. Como estabelecer uma nova relação e reposicionamento diante das pessoas que já eram conhecidas? Como definir uma rotina de trabalho, buscar informantes, aumentar a rede de relações? Tudo isso lhe exigiu uma grande estratégia a fim de poder acessar o real espírito daquela comunidade que embora lhe fosse conhecida, lhe era, sobretudo, afim.

Quando a sexualidade como objeto de estudo entra em cena, as saias justas apertam-se ainda mais, como podemos ler nas narrativas de Larissa Pelúcio, Nadia Meinerz e Paula Machado.

Larissa, que teve como objeto de pesquisa travestis e homens que se relacionam com travestis, surpreendeu-se quando ouviu de sua informante que só poderia “chegar à certo encontro” (leia-se, fazer a observação participante) se deixasse a *buceta* em casa. Definir o lugar da pesquisadora, o seu papel e o que efetivamente busca tornaram-se fundamentais para que Larissa fosse aceita no grupo. Para ela, ser mulher foi sem dúvida um fator de distanciamento, desconfiança e velada rivalidade entre pesquisadora e travestis. Driblar este pré-conceito se mostrou fundamental para a inserção e para a permanência em campo.

Com Nadia, a partir da saia justa que teve de driblar quando se deparou com a pergunta por parte de suas informantes homossexuais “*Você é entendida?*” aprendemos como driblar possíveis questionamentos do grupo pesquisado – e fora dele – sobre a sexualidade do pesquisador que estuda homossexualidade, abrindo o leque também para o questionamento sobre a essencialidade e a fixidez da nossa própria orientação.

Paula, propondo falar de métodos de prevenção de DSTs, gravidez e Aids com homens oriundos de grupos populares, cujos encontros se davam em bares e clubes, nos mostrou como negociar o papel de *mulher de respeito em rodinhas de homem*, bem como o papel de *mulher que estuda homens* frente às mulheres esposas destes homens.

Não há como não compartilhar com Bonetti e Fleischer, de que ler sobre as doze experiências vividas por Carmen Susana Tornquist, Mônica Dias, Larissa Pelúcio, Nádia Elisa Meinerz, Paula Sandrine Machado, Fernanda Noronha, Andréa de Souza Lobo, Kelly Cristiane da Silva, Daniela Cordovil, Diana Milstein, Patricia de Araujo Brandão e Isabel Santana de Rose em diferentes lugares, tais como: Boa Vista/Cabo Verde, Timor Leste, São Paulo, Porto Alegre, Florianópolis, Partido de Quilmes/Argentina, trazem para o leitor inúmeras questões sobre o ofício de etnógrafa, contribuindo como inspiração para enfrentarmos as nossas dificuldades de pesquisa, uma vez que retratam diferentes posições e abordagens sobre relações de gênero e etnografia como algo fundante do fazer etnográfico.

Nesta obra, as autoras deixam claro que mesmo sendo o caráter experimental e artesanal – realizado entre pesquisador e seu objeto – as maiores riquezas da antropologia, não precisamos nos sentir tão solitárias em nossas angustias vividas em campo, bem como que tais angustias não necessitam ficar presas somente às nossas memórias e aos nossos diários. Ler e conhecer outras experiências com as quais nos identificamos enquanto etnógrafas auxiliariam a formar um repertório de possíveis saias justas e jogos de cintura para nos pôr à salvo de possíveis mal-estares.

Como bem apontou a antropóloga Claudia Fonseca no posfácio deste livro, não buscamos receitas para o trabalho de campo, até porque não existem, e esta obra longe de ser um manual é mais um “expositor” de experiências diversas o qual serve como guia para jovens antropólogas que por aí vem (pág. 353).

A sabedoria da lição metodológica, bem como o caráter inovador deste livro marcam o mesmo uma vez que juntam mulheres de vários cantos do Brasil, e fora dele, trabalhando com temáticas diversas e inspiradas em variados mestres, e à medida que avançamos na leitura podemos ir identificando pontos comuns que cruzam todas as pesquisas e afetam de forma veemente as pesquisadoras enquanto mulheres no ofício de etnógrafas. Não resta dúvida de que trazer à tona a voz dessas situações é admitir como elas afetam a antropologia que está sendo produzida.

*Entre Saias Justas e Jogos de Cintura* constitui leitura fundamental para todos aqueles que utilizam a ferramenta do trabalho de campo em suas pesquisas. O contato, a observação e a interlocução com o "outro" sempre acarretará obstáculos e situações difíceis, uma vez que também estamos sendo observadas e questionadas no papel que desempenhamos enquanto pesquisadoras e mulheres. Sair dessas "saias justas" com total "jogo de cintura" torna-se também um grande desafio.

Boa leitura!

Recebido em: 01/12/2006

Aprovado em: 25/08/2007

Publicado em: 03/10/2007